



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 2, maio-ago 2014

A SOLITUDE FEMINISTA DE PATRÍCIA GALVÃO EM *PARQUE INDUSTRIAL*



THE SOLITUDE OF FEMINIST PATRÍCIA GALVÃO IN *INDUSTRIAL PARK*

Carmen Sílvia Araújo de OLIVEIRA
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA,
Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 30/06/2014 • APROVADO EM 01/10/2014

Abstract

This article aims to propose an analytical approach of the proletarian novel *Industrial Park* of authorship of writer and journalist Patricia Galvão Redher, artistically known as Pagu, first published in 1933, under the pseudonym of Mara Wolf. From the work, seek to introduce the movements with respect to women, in the country, in the first decades of the 20th century, as well as the historical context in which the novel was produced. With this, it is intended to outline the different feminist conceptions of time, through the voice of Bertha Lutz and the various female voices in the work.

Resumo

O presente artigo tem por objetivo propor uma abordagem analítica do romance proletário *Parque Industrial* de autoria da escritora e jornalista Patrícia Redher Galvão, artisticamente conhecida como Pagu, publicado pela primeira vez no ano de 1933, sob o pseudônimo de Mara Lobo. A partir da obra, busca-se apresentar os movimentos com relação à mulher, no país, nas primeiras décadas do século XX, bem como o contexto histórico em que o romance foi produzido. Com isso, pretende-se delinear as diferentes concepções feministas da época, por meio da voz de Bertha Lutz e das diversas vozes femininas na obra.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Literature. Industrial Park. Patrícia Galvão. Feminism. Bertha Lutz.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Parque Industrial. Patrícia Galvão. Feminismo. Bertha Lutz.

Texto integral

Introdução

Nas primeiras décadas do século XX, vários periódicos e associações surgiram com o intuito de discutir a condição da mulher dentro da sociedade. Representavam também diferentes tendências feministas, entre as quais se destacavam três: uma visão elitista com Bertha Lutz; uma anarquista, com Maria Lacerda de Moura; além de uma outra que aliava feminismo às concepções comunistas, com Patrícia Galvão.

Também chamada de Pagu, Patrícia Galvão, ao longo de sua vida, ficou conhecida pela rebeldia e transgressão, e tal postura ilumina e acentua aspectos importantes com relação à sua contribuição para a formação de um pensamento feminista brasileiro na primeira metade do século XX.

A luta solitária de Patrícia Galvão é atribuída à sua discordância com as principais correntes de defesa dos direitos das mulheres. Para tal empreitada, utiliza-se da literatura, e seu romance **Parque Industrial** (doravante PI) aborda, principalmente, a situação da mulher e, indiretamente, apresenta indagações sobre qual feminismo seria mais eficaz à condição social brasileira no início do século XX.

A ideia de Parque Industrial

A ideia e a motivação de escrever **PI** (redigido em 1931 e publicado em 1933) teve início quando Pagu fora afastada da organização do Socorro Vermelho

(ramo logístico do Partido Comunista Brasileiro de apoio a grevistas e militantes) por determinação do Partido que, não possuindo nenhuma prova para sua expulsão, contentou-se em afastá-la por tempo indeterminado. Por isso, resolve trabalhar intelectualmente, à margem da organização. “Pensei em escrever um livro revolucionário. Assim, nasceu a ideia de *Parque industrial*” (GALVÃO apud FERRAZ, 2005, p. 112). O Partido condenou o romance, com alegações vagas e desprezo. “Ao denunciar os abusos sexuais sofridos pelas operárias, o livro de Pagu feria a ‘moral e os bons costumes comunistas’” (FREIRE, 2008, p. 112), que viviam em estado de policiamento moralizante. Apesar disso, Pagu consegue provar não só que era uma revolucionária, como também que tinha se proletarizado. Depois desse afastamento compulsório do Partido, Pagu foi morar com Oswald de Andrade no Bosque da Saúde, enquanto tentava trabalhar no livro. E em 1933, sob o pseudônimo de Mara Lobo, exigência do partido, publica o seu romance proletário, financiado pelo escritor modernista.

Contexto histórico de Parque Industrial

PI foi escrito em uma das épocas mais conturbadas da história política e econômica do Brasil. O início da década de 30 foi marcado pelo fim da República Velha e ascensão de Getúlio Vargas ao poder. A Revolução de 1930 é considerada por muitos historiadores como o mais importante movimento político do século XX no Brasil. Apesar da nomenclatura, na verdade, não houve uma revolução no sentido de conceito histórico, mas, sim, um golpe de estado que o até então governador do RS, Getúlio Vargas, e seus partidários haviam organizado, retirando, assim, Washington Luiz do poder em três de outubro de 1930. Este movimento militar possuiu grande apoio civil, da elite e da população.

Patrícia Galvão empreende este romance, classificado pela crítica como proletário, com uma narrativa que retrata a vida dos proletários paulistanos, enfocando a questão das desigualdades e injustiças sociais a partir dos detentores dos meios de produção e do capitalismo, e também da repressão sofrida pela mulher no seio de uma sociedade machista. No desenrolar do romance, é possível a percepção de outras questões abordadas pela autora, como a causa feminista ligada à luta pelo fim de qualquer forma de violência, opressão e exploração.

Os anos 30 foram de grandes mudanças na política e na legislação como também foi uma época de grande efervescência cultural e educacional. Do ponto de vista cultural, essa década foi a mais importante do século XX, pois foi neste momento que se modelou o estado moderno brasileiro, em particular, com a participação muito efetiva dos intelectuais. A terceira década do século XX trouxe a ideia de que o Brasil era feito de regiões, e estas regiões viriam a contestar o Estado Nacional. Assim, começaram a aparecer movimentos por todas as partes do Brasil, que se detinham nos interesses pelas questões particulares das várias localidades brasileiras. Neste contexto, muitos escritores se propuseram, por meio da produção romanesca, a retratar o cotidiano e a denunciar os problemas socioeconômicos de cada região como ocorreu no nordeste com **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos; no sul, com **Caminhos Cruzados**, de Érico Veríssimo; em Minas,

com **O Amanuense**, de Ciro dos Anjos. Em São Paulo, pode-se enquadrar PI de Patrícia Galvão.

Os movimentos feministas na década de 30

Primeiramente, faz-se necessário tentar distinguir o movimento feminista em suas duas vertentes: o feminismo e os movimentos pelos direitos da mulher. Segundo Hahner (1981, p. 25):

Feminismo abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu status social, político ou econômico; diz respeito à maneira de se perceber da mulher e também à sua posição na sociedade. Movimentos pelos direitos da mulher tendem a definir, mais estritamente, a emancipação das mulheres como sendo a conquista dos direitos legais e estão condicionados a uma classe de mulheres cultas que dispunham de algum lazer.

A distinção oferecida por Hahner é bem sutil, mas, mesmo assim, percebem-se maneiras diferentes de se encarar a questão da mulher na sociedade. Para Duarte (2003, p. 152):

O “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja em grupo.

Algumas feministas despontavam no cenário da década de 1930, como Bertha Lutz, Nísia Floresta, Maria Lacerda de Moura, dentre outras. O nome de Bertha Lutz, considerada a pioneira do feminismo no Brasil, era o mais ativo nessa época, com uma vida dedicada à libertação da mulher e à consolidação das instituições democráticas brasileiras. Depois de tomar contato com os movimentos feministas da Europa e EUA, ela criou as bases do feminismo no Brasil e, em 1922, fundou a FBPF (Federação Brasileira pelo Progresso Feminino).

Hahner (1981, p. 54) destaca que, para Francisca Diniz, redatora do primeiro jornal “O Sexo Feminino”, por conta da falta de conhecimento e de consciência, a maioria das mulheres vivia na ignorância de seus direitos, principalmente daqueles que lhes eram devidos por lei, pontuando que, nestes termos, Galvão concordava com sua antecessora.

Na luta pelos direitos femininos, Bertha Lutz percebia a importância estratégica da educação, vendo na instrução de ambos os sexos o caminho para a

evolução dos cidadãos e o progresso da nação brasileira. Assim, ela participou da Associação Brasileira de Educação, lutando por um projeto para a educação nacional, escola pública e gratuita, entendendo a educação como um direito cívico e social. Quanto ao sufrágio feminino, Bertha Lutz e a FBPF buscaram, por meio da publicidade, um instrumento político em sua campanha sufragista. Esta campanha não esteve ligada a nenhum partido político ou a qualquer movimento social. Lutz via no voto não só a direção para a avanço dos indivíduos e o progresso feminino, mas também uma porta aberta para conquistas mais abrangentes em busca de uma sociedade que fosse completa.

Bertha Lutz e outras sufragistas viam o voto “como meio de ação”, como instrumento para superar as barreiras em direção a uma sociedade liberal mais completa. Serviria como o instrumento necessário para o progresso e não meramente como um fim em si mesmo. (HAHNER, 1981, p. 103).

Segundo Campos (1987), é possível perceber que Patrícia Galvão divergia de Bertha Lutz e das demais feministas de sua época. Enquanto Lutz lutava por um feminismo individual, econômico e intelectual, Galvão, lutava por um feminismo mais radical, social e político. É bom lembrar que, naquela época, ela se achava integrada ao Partido Comunista Brasileiro, com fundamentos marxistas.

Juntamente com seu companheiro Oswald de Andrade, Pagu montou o pasquim **O Homem do Povo** cujo jornalismo possuía um colorido ideológico, de caráter panfletário e humorístico. Neste periódico, Pagu assinava uma polêmica coluna feminista, **A Mulher do Povo**, a qual era utilizada para disparar críticas, de um ponto de vista marxista, em linguagem atrevida, às feministas burguesas. “Nestes textos, compostos de observações fragmentárias, critica hábitos e valores das mulheres paulistas, desancando o feminismo burguês em voga, reflexo provinciano do movimento inglês dos primórdios do século” (RISERIO apud CAMPOS, 1987, p. 19). Em uma das publicações dessa coluna, Pagu redigiu um texto sob o título de *Maltus Além*. Eis um fragmento do periódico:

Uma elitizinha [...] que sustentada pelo nome de vanguardistas e feministas berra a favor da liberdade sexual, da maternidade consciente, do direito de voto para “mulheres cultas” achando que a orientação do velho Maltus (sic) resolve todos os problemas do mundo. Ao contrário, não só Marx já passou um sabão no celibatário Maltus, como os problemas da vida econômica e social ainda estão para serem resolvidos. (GALVÃO apud CAMPOS, 1987, p. 20).

Para Bertha Lutz, segundo Hahner (1981, p. 103), “o voto não seria apenas um instrumento para alcançar o progresso feminino, mas também um símbolo dos direitos de cidadania”.

Depois de muita publicidade, Bertha Lutz e outros grupos de feministas conseguem junto a Getúlio Vargas, por meio do novo código de 1934, o voto às mulheres, mas somente às alfabetizadas. A partir daí, começa toda a indignação de Patrícia Galvão contra o que ela denomina feminismo "pequeno-burguês". A autora de **PI** não concordava que somente as mulheres alfabetizadas e elitizadas fossem contempladas com o sufrágio feminino, uma vez que a grande maioria das mulheres trabalhadoras, operárias e proletárias era analfabeta. Segundo Antônio Risério, "Pagu quer vincular as reivindicações feministas a uma postura transformadora mais global" (apud CAMPOS, 1987, p. 20), ou seja, a uma transformação social mais ampla e profunda e que abrangesse toda a sociedade feminina e não apenas uma minoria.

Segundo Saffioti (2013, p. 358), foi com Bertha Lutz que ocorreram as primeiras manifestações feministas no país e esta tornou-se líder do movimento quando voltou ao Brasil, transformando-se "na primeira pregadora da emancipação da mulher", depois de uma temporada em Londres. Assim, esse feminismo principiante se caracteriza por não possuir capacidade de interpretar a realidade socioeconômica brasileira e nem adotar uma perspectiva libertária mais ampla (SAFFIOTI apud CAMPOS, 1987). E essa é mais uma crítica que Patrícia Galvão dirigia às feministas elitizadas de sua época, em que, segundo Antônio Risério, o feminino da elite era um feminino ingênuo, pois possuía o desejo de transformação da situação da mulher, mas não atentava para a necessidade de modificação da estrutura social.

Essa posição de Pagu, distanciada das demais organizações femininas ao apresentar uma proposta de igualdade política entre todas as mulheres, configurava-se como, o que se pode denominar, solitude, pois sua postura deliberadamente engajada a isolava das demais feministas. Em uma passagem do romance, percebe-se tal situação quando é retratada a questão do voto feminino.

- O voto para as mulheres está conseguido! É um triunfo!
- E as operárias?
- Essas são analfabetas. Excluídas por natureza. (GALVÃO, 2006, p. 78).

Sob a influência do feminino britânico, as mulheres brasileiras modelaram suas reivindicações na base da imitação, lutando para conseguir seus direitos políticos e estruturando suas associações por similaridade às matrizes estrangeiras. Algumas personagens da obra, retratadas de forma caricatural, refletem a postura de imitação das feministas brasileiras ao se reproduzirem palavras estrangeiras.

[Alfredo] Acorda com o alvoroço de mulheres entrando. São as emancipadas, as intelectuais e as feministas que a burguesia de São Paulo produz.

- Acabo de sair do Gaston. Dedos maravilhosos!
- O maior *coiffer* do mundo! Nem em Paris!
- Também você estava como uma fúria!
- A fazenda, querida!
- O *Diário da Noite* publicou minha entrevista na primeira página. Saí horrenda no *clichê*. Idiotas esses operários de jornal. A minha melhor frase apagada!
- Hoje é a conferência. Mas acho melhor mudar a hora das reuniões. Para podermos vir aqui!
- Será que a Lili Pinto vem com o mesmo *tailleur*? (GALVÃO, 2006, p. 76).

Na obra, aparecem diferentes pontos de vista e desejos femininos com várias associações de mulheres surgindo no começo do século XX. A “Legião da Mulher Brasileira”, liderada por Alice Rego Monteiro e Júlia Lopes, possuía o lema “Amparar e elevar a mulher”, refletindo uma atitude paternalista com relação às mulheres de classe inferior. Bertha Lutz, apesar de diretora da comissão administrativa da Legião, possuía outras prioridades pessoais e juntamente com Maria Lacerda de Moura, em 1920, funda a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, concentrando-se em conseguir igualdade política para as mulheres. Segundo Pinto (2003), Maria Lacerda de Moura desejava formar um pequeno exército de propagandistas da educação racional e científica da mulher para sua perfeita emancipação intelectual, e não somente ficar no campo limitado como escolas domésticas, estabelecimentos de filantropia e creches. Quando Maria Lacerda de Moura percebeu que o voto somente seria dado à elite, ela se afastou da Liga e do feminismo de Bertha Lutz.

Segundo Hahner (1981, p. 103) “O interesse de Bertha Lutz não estava entre a massa trabalhadora do país, mas sim entre aquelas mulheres como ela própria”. Lutz queria utilizar o voto não só como instrumento, mas como um símbolo dos direitos de cidadania, e, sobretudo, como um meio de ação. Buscava o lado do movimento feminista que fosse individual, econômico e intelectual, classificando-o como mais avançado. O ponto de vista e o modo de ação em relação às mulheres brasileiras de um modo geral, utilizado por Bertha Lutz, incomodava sobremaneira Patrícia Galvão. Era como se essas posturas ferissem seus ideais comunistas. Nesse sentido, pode-se perceber que a preocupação de Bertha Lutz eram as mulheres intelectuais do país, e que a sua luta era pelos direitos de cidadania, enquanto que Galvão preocupava-se mais com as trabalhadoras e proletárias e sua luta era por melhores condições de trabalho, principalmente, com o fim da diferença de classes.

A voz feminina no parque do Brás

A personagem Rosinha Lituana, entre outros personagens, compõe o painel de trabalhadores proletários que são explorados pelo sistema capitalista de

produção. Dentre esses outros personagens, há uma considerável quantidade de personagens femininas que, além de também sofrerem a exploração do trabalho, possuem muitos de seus direitos negados.

PI contém um texto que já profetizava algumas rupturas. Dentre essas, a mais polêmica foi de fato o conflito gerado em relação ao feminismo. Desse modo, a ênfase dada ao retrato das mulheres trabalhadoras que são duplamente exploradas, pelo sexo e pelo trabalho, é recorrente ao longo do romance e indica o tipo de feminismo defendido pela autora.

Luís Bueno detecta o aparecimento da mulher como “a grande personagem do romance brasileiro de 1933 a 1936”. Em alguns casos, como o de Rachel de Queiroz, ganha relevância “quando se olha com atenção para o tipo de imagem de mulher — e especialmente da mulher pobre — que o romance de 30 fixou. Basta dizer que a figura feminina mais recorrente é a da prostituta” (BUENO, 2006, p. 283). No romance **PI** são enfocadas várias situações em que a mulher se prostitui. Em uma das passagens da obra, é abordada a situação em que as próprias mulheres prostitutas justificam sua condição social:

- Se eu pudesse sair dessa vida!
- Trouxa! As ricas são piores que nós! Nós não escondemos. E é por necessidade.
- Se eu tivesse um emprego, não estava aqui, doente desse jeito!
- A dor do pobre é o dinheiro. (GALVÃO, 2006, p. 61).

Na obra, a repressão sobre a mulher é refletida na falta de respeito, na repressão e consequente abuso de poder de uma classe sobre a outra, ou seja, entre a burguesia e o proletariado. “— Eu já falei que não quero prosa aqui! [...]— Malandros! É por isso que o trabalho não rende! Sua vagabunda!” (GALVÃO, 2006, p. 19).

Em outro episódio, é observado o tom irônico do narrador quando retrata a exploração da dupla jornada de trabalho: “Madame, enrijecida de elásticos e borrada de rímel, fuma, no âmbar da piteira, o cigarro displicente. Os olhos das trabalhadoras são como os seus. Tingidos de roxo, mas pelo trabalho noturno” (GALVÃO, 2006, p. 24).

Em nome de um capitalismo burguês, as próprias mulheres, as patroas, exploravam e reprimiam outras mulheres, as funcionárias, mostrando, talvez, que o proletariado era simplesmente assexuado, confirmando não existir nenhuma consciência, nem mesmo a de gênero.

- Uma menina pálida atende ao chamado e custa a dizer que é impossível terminar até o dia seguinte a encomenda.
- Que é isso? — exclama a costureira empurrando-a com o corpo para o interior da oficina.

— Você pensa que vou desgostar mademoiselle por causa de umas preguiçosas! Hoje haverá serão até uma hora.

— Eu não posso, madame, ficar de noite! Mamãe está doente. Eu preciso dar o remédio pra ela!

— Você fica! Sua mãe não morre por esperar umas horas.

— Mas eu preciso!

— Absolutamente. Se você for é de uma vez. (GALVÃO, 2006, p. 25).

Mediante a passagem acima, vê-se que a exploração e o medo do desemprego são características extraídas das relações de poder entre burguesia e proletariado.

Outra situação por que passam as mulheres pobres e analfabetas no bairro paulista na década de 30, retratada na obra, é a falta de esclarecimentos e de ajuda por parte dos órgãos públicos, como, por exemplo, creches para as mães que precisam trabalhar. Em uma conversa entre as moradoras do cortiço do bairro do Brás — local onde é narrado todo o romance — uma delas reclama:

— Gente pobre não pode nem ser mãe! Me fizeram esse filho num sei como! Tenho que dar ele pra alguém, pro coitado não morrer de fome. Se eu ficar tratando dele como é que arranjo emprego? Tenho que largar dele pra tomar conta do filho dos outro! Vou nanar os filhos dos rico e o meu fica aí num sei como!

Ninguém diz nada. Estão quase todas nas mesmas condições. (GALVÃO, 2006, p. 81-82).

Na voz da personagem revolucionária Rosinha Lituana, é retratada a importância da mulher como um núcleo forte dentro da sociedade e que cuja presença pode ser determinante para o sucesso da empreitada, como se percebe na passagem da obra, em que ela fala às mulheres numa manifestação de grevistas:

— Camaradas! Não podemos ficar quietas no meio desta luta! Devemos estar ao lado de nossos companheiros na rua, como estamos quando trabalhamos na Fábrica. Temos que lutar juntos contra a burguesia que tira a nossa saúde e nos transforma em trapos humanos! Tiram do nosso seio a última gota de leite que pertence a nossos filhinhos para viver no champanhe e no parasitismo! (GALVÃO, 2006, p. 87-88).

PI, por meio da denúncia nas vozes de seus personagens, almejava exterminar o cenário de exploração, lutar por um feminismo que valorizasse a

mulher – figura socialmente marginalizada e exigir mudanças na estrutura social brasileira.

Considerações Finais

Um dos movimentos emancipatórios mais significativos do século XX foi o feminismo, sendo ainda hoje vivenciado com muita força. Em especial, o feminismo brasileiro, no começo do século passado, possuiu diferentes matizes de pensamento como a questão do sufrágio feminino e sua importância na luta das mulheres por seus direitos.

Segundo Jackson (apud CAMPOS, 1987), ainda que seja necessário considerar o prejuízo sofrido pelos estereótipos de seu tempo, **Parque Industrial** é uma obra de importância documental tanto no viés social com sua perspectiva feminina, quanto no literário, no que diz respeito ao mundo modernista de São Paulo. A obra de Pagu oferece uma ideia da postura feminina no início do século passado, buscando, assim, incluir as mulheres como um campo de estudo ao reivindicar a importância destas na história.

Esse romance proletário traz à tona discussões importantes acerca do comportamento da elite política na história do Brasil e também novos ingredientes para o contexto da luta das mulheres no começo do século XX, destacando relevante contribuição ao pensamento feminista brasileiro presente na obra.

De acordo com Pinto (2003), o movimento feminista no Brasil ocorreu em dois momentos: na virada do século XIX para o século XX até 1932 e o seu ressurgimento na década de 60, especificamente após 1968. Nesse sentido, a fim de se acompanhar a evolução deste movimento, o recorte temporal feito neste artigo sugere que a militância feminista de Pagu e sua visão diferenciada do feminismo que é percebida nesta obra precisaria ser mais valorizada, para que investigações e discussões desses instigantes temas sejam mais assíduos no cenário acadêmico.

Referências

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CAMPOS, Augusto de. **Pagu**: vida-obra. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, set.-dez. 2003.

FERRAZ, Geraldo Galvão (Org.). **Paixão Pagu**: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FREIRE, Tereza. **Dos escombros de Pagu**: um recorte biográfico de Patrícia Galvão. São Paulo: SENAC São Paulo, 2008.

GALVÃO, Patrícia (como Mara Lobo). **Parque Industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PINTO, Céli R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, Carmen Sílvia Araújo de. A solitude feminista de Patrícia Galvão em *Parque industrial*. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 217-227, mai.-ago. 2014.

A autora

Carmen Sílvia Araújo de Oliveira é mestranda de Literatura Brasileira pelo CES/JF-SMC. Graduada em Letras e respectivas Literaturas pelo CES/JF. Pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Castelo Branco. Graduanda de Língua Espanhola pela UFJF. Professora da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora